



Público

11-03-2010

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 75000

Temática: Diversos

Dimensão: 135

Imagem: S/Cor

Página (s): 27

Sindicatos e inspecção divergem sobre casos de trabalho infantil em Braga

● A Autoridade para as Condições de Trabalho (ACT) garante não ter registado nenhum caso de trabalho infantil no distrito de Braga, ao contrário do que ontem afirmou a União de Sindicatos, que diz ter denunciado sete casos àquele organismo. A ACT desconhece casos de trabalho infantil em Braga nos últimos meses e acrescenta não ter recebido qualquer denúncia.

O coordenador da União de Sindicatos de Braga (USB), Adão Mendes, afirmou à Lusa que a estrutura detectou sete casos em seis empresas do distrito. Mendes afirma que os casos foram, de resto, reportados num relatório interno da entidade estatal, e alega que há mais casos já detectados. A USB avança que os números reais podem apontar para um regresso em força do trabalho infantil à região. Em 2009, segundo as mesmas fontes, os inspetores da ACT encontraram sete crianças a trabalhar em empresas de Braga, a grande maioria nas sub-regiões do Ave e do Cávado. Aquele número motivou reacções de indignação dos sindicatos e da Confederação Nacional de Acção sobre o Trabalho Infantil (CNASTI). A USB diz que os números revelados pelo relatório da ACT podem ser apenas a “ponta do icebergue” para a realidade do trabalho infantil.

Durante a última semana, aquela estrutura sindical tem desenvolvido uma jornada de combate à precariedade junto de empresas de região e acabou por tomar conhecimento de mais de uma dezena de casos de crianças a trabalhar em firmas do distrito. “São crianças de 12 ou 13 anos, que chegam à fábrica de manhã, com o farnel na mão, e cumprem um horário de trabalho como se fossem adultos”, denuncia Adão Mendes. “Não estamos a falar de crianças que estão a trabalhar em ambiente familiar”, nota o mesmo responsável.

A USB avança que, nas próximas semanas, vai para o terreno de modo a avaliar quantas crianças estão a trabalhar em fábricas da região e recolher imagens que comprovem a prática, tal como foi feito nos anos 80. Nessa altura, o trabalho dos sindicatos permitiu sinalizar cerca de

40 casos de trabalho infantil. O que demonstra um “retrocesso social do país”: “É inacreditável que esta realidade exista em 2010”, sublinha. Também a CNASTI considera a situação “lamentável”. Em declarações à Lusa, o presidente daquele organismo, José Manuel Silva, alerta para a possibilidade de “surgir uma nova vaga” de trabalho infantil devido à situação económica do país. “A crise financeira”, diz, “leva a que as famílias procurem apoio para se sustentar”.

Crise aumenta situações

A crise económica pode agravar as condições de exploração laboral das crianças, adverte o professor da Universidade do Minho (UM) Manuel Sarmento, podendo atrair os menores para as piores formas de trabalho infantil. O investigador não acredita, porém, que se esteja a assistir a um “regresso ao passado”.

“A precarização das condições de vida das famílias e o desemprego galopante pode levar as famílias a envolver os filhos na actividade produtiva, especialmente em áreas que estão nas margens da legalidade”, afirma. Este é um trabalho infantil diferente do que foi denunciado há 30 anos, já que as crianças trabalham no comércio e na restauração, e não na indústria, fazendo-o para lá do horário escolar.

Samuel Silva



Fiscalização vai apertar